

## Tire esse seu piercing do caminho que eu quero passar com a minha dor - por Iura Breyner



Foto: Användare:Zelina (Wikimedia Commons)

Hoje, não por acaso, escutei a canção “Piercing” de Zeca Baleiro, uma reflexão profunda sobre a vida contemporânea e seus contrastes. A letra começa assim:

**“Quando o homem inventou a roda, logo Deus inventou o freio. Um dia, um feio inventou a moda... e toda a roda amou o feio.”** - uma provável alusão à inteligência humana, a uma ampliação sempre crescente dos limites de sua liberdade e a conseqüente imprevisibilidade que, por assim dizer, obriga Deus a pôr freio, como forma indireta de controle, ou moderação. Na continuação, faz referência a **“um feio”** - indivíduo ou grupo humano - fora do padrão, que, por sua vez despadroniza por contágio a outros indivíduos e ambientes que em algum momento e por razões diversas incorporam ou padronizam o que antes era considerado “contra-padrão”.

Lembrei-me por um instante de como alguns movimentos sócio-políticos de caráter contestatório como o “Hippie” e o “Punk”<sup>[1]</sup>, surgidos nos EUA e Europa entre os anos 70 e 80, foram rapidamente absorvidos pelas mídias dos grandes centros urbanos dos cinco Continentes, transformando-se em modas febris e passageiras que desfiguraram total ou parcialmente a mensagem-mãe daqueles movimentos. Pensei mesmo nas mais importantes invenções e descobertas do homem, como por exemplo, a roda e o domínio do fogo com seu efeito-dominó, cuja última peça não seja outra que não aquela em que O Próprio Deus resolva pôr - quando queira - o Seu Divino Dedo.

Pergunto-me se a questão seria mesmo a da incontrolável inteligência humana e não a da sua inata liberdade, pela qual cada geração e cada indivíduo tem o poder e a responsabilidade de deliberar seu rumo histórico. Neste caso, de modo algum teria sido Deus a inventar o freio, mas o próprio Homem, sujeito ativo e passivo de seu livre arbítrio, como único ser na natureza com capacidade de domínio e controle sobre os demais seres e os de sua própria espécie.

Voltemos à letra da música; desta vez ao refrão que a intitula: **“tire o seu piercing do caminho, que eu quero passar, quero passar com a minha dor!”**. Demos um salto na história e nos contextualizamos na chamada pós-modernidade; o período cultural urbano do “pós-guerra”, ou da guerra e da morte institucionalizadas nas culturas urbanas do nosso mundo.

A letra faz referência à velha canção de Nelson Cavaquinho - **“Tire o seu sorriso do caminho, que**

**eu quero passar com a minha dor...**” - a referência na letra é sublinhada pela melódica; uma espécie de “colagem musical” em que uma voz chorada e abafada canta ao fundo a segunda parte do trecho original como resposta à provocação recriada da primeira. Agora já não é mais o sorriso ferino da amada, alheio e até talvez sarcástico ante a dor do poeta desprezado, mas o “*piercing*” - signo da provocação “*punk*” à sociedade cuja característica mais marcante é o horror à dor manifestado na hipervalorização do conforto e do prazer e na hipócrita negação da própria realidade com suas imperfeições e cicatrizes indisfarçáveis. Signo desgastado e esvaziado de significação pelo uso excessivo, repetitivo e indiscriminado por esta mesma sociedade que o incorpora, como no evento inicialmente descrito, transformando-o em moda vazia.

O *piercing*, deslocado de seu contexto inicial e esvaziado de sentido numa sociedade “*fast food*” deixa de apontar-lhe ironicamente o dedo indicador para trazê-la cuidadosamente no anelar esquerdo. Sim; casou-se com ela e de agora em diante a representa em lugar de acusá-la. É precisamente a este *piercing* - traidor, representante de uma colorida e atraente bolha de plástico à vácuo - que o poeta Zeca Baleiro impetra que lhe seja tirado da frente para que siga adiante com a sua dor.

E o que é precisamente, esta “dor” do poeta? Voltemos à letra:

*“Pra elevar minhas idéias **não preciso de incenso***

*Eu existo **porque penso***

***tenso, por isso existo***

*São sete as chagas de cristo*

***São muitos os meus pecados***

*Satanás **condecorado***

***na tv tem um programa***

***Nunca mais** a velha chama*

***Nunca mais** o céu do lado*

***Disneylândia eldorado***

***Vamos nós dançar na lama***

*Bye bye **adeus Gene Kelly***

*Como santo **me revele***

***como sinto como passo***

***Carne viva atrás da pele***

*aqui vive-se à míngua*

*Não tenho **papas na língua***

*Não trago **padres na alma***

***Minha pátria é minha íngua***

*Me conheço **como a palma***

***da platéia calorosa***

***Eu vi o calo na rosa***

***eu vi a ferida aberta***

*Eu tenho a palavra certa*

*pra doutor não reclamar*

*Mas a minha mente **boquiaberta***

Precisa **mesmo deserta**  
Aprender **aprender** a soletrar

Tire o seu piercing do caminho,  
Que eu quero passar, quero passar com a minha dor..."

Em que pode consistir a dor de um poeta? A sua dor é a dor da vida; a dor do mundo que grande parte do mundo não sente; a dor de um homem com o pé na terra e o desejo no infinito; um homem inteiramente sozinho no sentir e sorver o paradoxo e o mistério da própria existência. A muitos outros homens, a máquina do "panis et circencis" mundial consegue acalmar com suas belas promessas de fogos de artifício, mas não a uma alma de poeta. Ela passa por entre as mesas e os espetáculos que aos demais delicia - ela mesma tantas vezes pão e circo entre outros, para os outros - alimentando-se apenas das migalhas pobres do prazer alheio, qual peregrino no deserto em busca do Paraíso perdido.

A alma de um poeta passa, vê, aponta e vai-se embora mambembe. Pode até ficar no mesmo lugar anos a fio, mas não permanecem os mesmos, nem o poeta, nem os que por ele passam, nem o terreno à volta de seu passo. Adentrando as inóspitas terras de si mesmo, ele faz andar o mundo que o cerca. Neste passar por entre outros, a alma de um poeta deixa rastros de si mesma, de sua insatisfação com este mundo e também da direção para a qual seu caminhar - mesmo que incerto - aponta: a do Absoluto.

Por isso o passo de um poeta nunca passa despercebido e na maioria das vezes incomoda e muito. Os pesados homens do "não pense" atiram-se sobre ele; tentam comprá-lo, moldá-lo ou anulá-lo a todo custo: "**a modernidade é uma matilha de cães raivosos e assustados...**" diz a letra; e é assim mesmo. Uma alma de poeta conhece o vale por onde passa; sabe seus perigos e encantos, mas não se detém a considerar estes ou aqueles; leva em conta apenas a necessidade imperiosa do seguir em frente até a morte - cortina divisória entre o faz de conta e o real.

A alma do poeta não teme a morte - quase a deseja - mas teme sim o tornar-se zumbi - um morto-vivo - em seu próprio mundo. A alma de um poeta deseja atravessar as noites com os olhos, os ouvidos e a boca abertos; deseja olhar, ouvir e dizer. Despreza a palavra macia e falsificada - o falso "belo" dos homens políticos e da mídia comum - ; ama toda palavra, fonte de comunicação entre os homens de bem. Deixo Baleiro cantar:

*"Não me diga que me ama  
Não me queira não me afague  
Sentimento **pegue e pague**  
**emoção compre em tablete**  
**Mastigue** como chiclete  
**jogue fora** na sarjeta  
**Compre um lote do futuro**  
**cheque para trinta dias**  
**Nosso plano de seguro**  
**cobre a sua carência**  
Eu **perdi** o paraíso  
**mas ganhei** inteligência*

**Demência, felicidade,  
propriedade privada  
Não se prive não se prove  
Dont't tell me **peace and love**  
Tome logo um engov  
pra curar sua ressaca  
Da modernidade **essa armadilha**  
**Matilha de cães raivosos e assustados**&  
O presente **não devolve o troco** do passado  
Sofrimento **não é** amargura  
Tristeza **não é pecado**  
**Lugar de ser feliz não é supermercado****

*Tire o seu piercing do caminho..."*

O que é a felicidade? - pergunta o autor - Em que consiste o *ser feliz* neste mundo? No conforto? Na ausência de dor? Na posse de uma série de bugigangas que dão *status* a quem as exhibe? Quem sabe num certo grau de demência que faz o homem material e socialmente bem colocado no seu mundo ignorar quase por completo as sub-humanas condições em que vivem outros homens, tão dignos de felicidade quanto ele? Quem sabe, talvez então, não estaria a felicidade na supressão tecnológica e comportamental de toda privação ou provação, na construção artificial de uma espécie de sociedade perfeita na qual palavras como sofrimento, amargura e tristeza sejam definitivamente banidas como "**ilegais, imorais ou engordativas**"?

Entretanto, se não é possível extirpar da sociedade tais termos, por conta de uns tantos extra-terrestres humanóides que parecem vindos a este mundo só para incomodar com suas deficiências, pobreza e sofrimento, ao menos se pode empurrá-los para o mais longe possível da nossa convivência; seja jogando-os para as periferias de nossas cidades, seja pela construção de muralhas como meios de distinção e segurança para as nossas confortáveis e belas moradias.

*"O inferno é **escuro**  
**não tem** água encanada  
**Não tem porta não tem muro**  
**Não tem porteiro na entrada**  
E o céu será **divino**  
**confortável condomínio**  
Com **anjos cantando hosanas**  
nas **alturas** nas alturas  
Onde tudo é **nobre**  
e tudo **tem nome**  
Onde os cães só latem  
**Pra enxotar a fome**  
Todo mundo quer quer  
**Quer subir na vida**  
**Se subir ladeira espere a descida**  
Se na hora "h" **o elevador parar***

No **vigésimo quinto andar**  
e der **aquele enguiço**  
Sempre vai haver uma **escada de serviço**

Tire o seu piercing do caminho  
Que eu quero passar, Quero passar com a minha dor”

Haverá uma ponte possível entre estes dois universos paralelos da pobreza e da riqueza? O que se entende hoje por “caridade”? Dar presentes, roupas, ou comida ao pobre? Onde poríamos a linha que distingue estes dois termos - caridade e justiça?

Bento XVI afirmava magistralmente em sua Encíclica *Spe Salvi*, que a “*Caridade chega onde a Justiça não alcança*”. Não que a Justiça não possa ser perfeitamente cumprida neste mundo, o que em sentido estrito é bem verdade, mas não por isso. Ainda que uma sociedade possa alcançar um avançado grau de justiça legal e moral neste nosso mundo contemporâneo, haveria sempre nele a carência desta outra virtude, a da Caridade, que não consiste propriamente em dar o que nos sobra - quando não o que nos estorva mesmo - mas sim em dar-nos a nós mesmos até a última gota do coração com toda a sua capacidade de amar, de querer, de desculpar, perdoar e compreender. A Caridade - o Amor Fraternal - situa-se num nível ligeiramente superior ao da Justiça; anda lado a lado com ela e não a prescinde, mas situa-se em outro patamar moral, o da liberalidade.

Em tal patamar, não busca o homem tal virtude por si mesmo, mas para chegar ao outro. A Justiça consiste em dar a cada um o que lhe é devido. A Caridade consiste num abrir-se total e ilimitadamente ao outro, porque descobre nele a diversidade de dons e valores, ao mesmo tempo que a similaridade da espécie, que nos faz todos iguais em termos de valor e dignidade. A Justiça, como a Caridade e todas as demais virtudes, como tais, consistem em hábitos; predisposições da pessoa para o bem através da repetição de atos morais bons. A virtude, enquanto hábito adquirido e/ou por se adquirir, custa trabalho e persistência.

**“Todo mundo sabe tudo todo mundo fala”**, diz a letra - fácil é falar... **“Mas a língua do mudo ninguém quer estudá-la!”** : uma claríssima referência à pouca ou nenhuma disposição natural das pessoas a moverem-se no sentido de verdadeiramente escutar; interessar-se sincera e retamente pelos outros. Pergunto-me a respeito deste verso, o quão disposta estaria eu - estaríamos nós - a dar espaço ao outro no meu pensamento e na minha vontade, de forma que o “eu” se ponha voluntariamente em segundo plano em favor do “outro”. Sim, é preciso estar disposta e treinar diariamente: **“Quem não quer suar camisa não carrega mala; revólver que ninguém usa não dispara bala.”**

Tenho que aprender a me enxergar e enxergar o outro, pensando que a fraqueza dele é também a minha. Tenho que entender que todos somos passíveis de engano e erro. Tenho que sair da minha zona de conforto e aprender a me comunicar com aqueles que não são da minha rua ou que não pensam como eu. Tenho que aceitar ser uma estranha para o outro e sentar-me formalmente em sua “sala de visitas” para chegar à intimidade de seu quarto, onde só ele, além de Deus, sabe das dores e alegrias de se ser o que mais íntima e verdadeiramente se é.

**“Pra chegar na minha cama tem que passar pela sala**  
Quem não sabe **dá bandeira** quem sabe; **sabiá cala**

*Liga aí; porta-bandeira não é mestre-sala  
E não se fala mais nisso!  
- Mas nisso não se fala!  
E não se fala mais nisso  
Mas nisso não se fala*

*Tire este seu piercing do caminho que eu quero passar,  
Quero passar com a minha dor!”*

**NOTAS:**

**[1]** O Movimento *hippie* surgiu nos EUA nos anos 70, questionando a utilização de homens jovens como “bucha de canhão” pelo Estado em seus jogos de guerra, bem como a hipervalorização das regras morais da sociedade, não na sua essência, mas apenas no seu aspecto formal, e o segundo a exaltação da frivolidade e do luxo da sociedade de consumo ocidental capitalista dos anos 80, especialmente pelas mídias televisivas e cinema americano desta época.

*Por Iura Breyner Botelho, especialista em História da Arte e Crítica de Arte.*

**Tags:** Alma poeta, Dor, Mundo contemporâneo, Piercing, Poesia, Sociedade,

**Fonte:** IFE Campinas. Disponível em:  
<http://ife.org.br/tire-seu-piercing-caminho-quero-passar-dor-iura/>